
“Retratos a preto e branco: A imagem dos jovens descendentes de imigrantes africanos nos jornais de referência em Portugal”

Sofia Fontes Leal, Ana Raquel Matias, Fernando Luís Machado¹

A categoria social dos “imigrantes de 2ª geração” tem vindo a ganhar uma grande visibilidade na sociedade portuguesa, especialmente na região de Lisboa e Vale do Tejo. No entanto, existe um grande desconhecimento sobre as realidades sociais e culturais presentes na vida destes jovens, particularmente no que diz respeito aos processos de transição para a vida adulta, uma vez que este tema pouco tem sido abordado pelas ciências sociais e pela sociologia, em particular.

O sistema dos media é uma das principais fontes produtoras de representações sociais da vida contemporânea, incluído um tema que, por si só, já tem uma grande visibilidade pública na sociedade portuguesa actual, ou seja, a imigração. Este sistema constitui-se enquanto espaço de apresentação e descrição de acontecimentos diversos da realidade social e campo de debate desses mesmos acontecimentos.

Uma vez que estes têm um forte impacto na opinião pública, podem influenciar e condicionar os receptores relativamente às suas percepções do “outro” e fornecer-lhes elementos para que estes elaborem ou reforcem (ou não) perspectivas baseadas na intolerância e discriminação em relação aos imigrantes. Por outro lado, os media também podem assumir um papel relevante no que diz respeito à formação de opiniões associadas a políticas de integração social das populações imigradas e dos seus descendentes.

Isto significa que eles desempenham o seu próprio papel nos processos de integração ou exclusão social da categoria social específica que está aqui em análise, ou seja, os jovens descendentes de imigrantes africanos, também conhecidos por “imigrantes de 2ª geração”. Uma das principais razões para a visibilidade acrescida desta categoria é a atenção permanente que os media lhes dedicam. Este tema tem vindo a ser cada vez mais trabalhado pela generalidade da imprensa escrita, o que se reflecte no aumento do número de peças jornalísticas e da sua dimensão e variedade. A pesquisa a que esta comunicação se refere teve como objectivo, justamente, a análise de conteúdo de discursos produzidos pela imprensa escrita portuguesa relativamente aos jovens descendentes de imigrantes africanos.

O material empírico analisado resulta de uma recolha exaustiva das peças publicadas sobre este tema por dois dos jornais de referência portugueses, o *Público* e o *Expresso*, no período de 1990 a 2003. Foram reunidas 186 peças com menção expressa a jovens descendentes de imigrantes africanos (até Junho de 2003), divididas da seguinte forma pelos dois jornais: 146 peças relativas ao *Público* e 40 identificadas no *Expresso*. O menor número de peças presente neste último jornal está relacionado com o facto de o *Expresso* ser semanário.

Este material foi examinado a partir de uma grelha de análise que compreendeu os seguintes elementos (tendo sempre em conta a dimensão temporal e o jornal em questão): a contagem de peças relativas à 2ª geração, bem como o apuramento do número global de peças associadas ao fenómeno da imigração, o que permite a comparação destas duas componentes; a listagem dos títulos das peças; a listagem dos temas dominantes em cada peça; por fim, os tamanhos e géneros jornalísticos das peças em estudo.

O resultado global desta análise mostra que se acentuam as dimensões socialmente mais desvalorizadas e estigmatizantes da vida destes jovens, o que é bastante nítido na sobrevalorização (e extrapolação para o universo) de temáticas ligadas à exclusão social, marginalidade ou delinquência juvenil. O discurso jornalístico realça com maior frequência os traços negativos presentes na vida de alguns destes jovens.

Estes são entendidos como vítimas, ora porque pertencem a camadas socialmente desfavorecidas (são focados vários aspectos da exclusão social), ora porque são vítimas de

¹ CIES/ISCTE

racismo, discriminação social ou abuso policial. Muitas vezes estes jovens são percebidos e identificados como imigrantes, apesar de muitos deles possuírem nacionalidade portuguesa e já terem nascido em Portugal.

Por outro lado, surge uma forte representação do jovem descendente de imigrante africano enquanto indivíduo agressor, delinquente, problemático e marginal. Poucas são as peças onde se evidenciam características e atitudes neutras ou positivas associadas a estes jovens.

Ao longo da análise vai-se desenhando um quadro bastante depreciativo da realidade: constituem uma presença bastante incómoda nos espaços urbanos, uma vez que contribuem de forma evidente para os diversos problemas de insegurança, criando, supostamente, um clima geral de instabilidade. Verifica-se, assim, que os jornais têm uma visão bastante selectiva face às várias dimensões da vida destes jovens, focando-se naquelas que os desvalorizam e diminuem socialmente.

Estando estas imagens presentes numa parte importante das peças que cobrem os 14 anos examinados, pode concluir-se que estamos perante uma situação de consequências tendencialmente negativas, uma vez que esta concorre para o aumento do receio e medo da população em geral relativamente a estes jovens, bem como para a construção e consolidação de estereótipos e formas de discriminação e violência contra estes jovens.

A importância selectiva atribuída a determinados temas provoca os chamados “efeitos de agenda”, isto é, a opinião pública tende a concentrar-se na escolha temática efectuada pelos média. A produção de estereótipos referida vai, obviamente, gerar níveis de desconfiança desproporcionais que vão dificultar a sua integração e aumentar os problemas de exclusão social vividos por estes.

Existe uma clara associação entre a sua origem étnico-nacional - seja através da nomeação da sua nacionalidade, seja através da cor da sua pele - a fenómenos desviantes, como a delinquência juvenil, a pertença a “gangs”, o consumo e tráfico de drogas, etc.

Comparando os dois jornais, verifica-se que a caracterização e as descrições que o jornal *Expresso* apresenta têm um teor mais negativo do que as do *Público*, embora este último, nos primeiros 10 anos, tenha seguido uma linha similar. Apenas o tom jornalístico é que difere, sendo menos inflamado e exacerbado do que o do *Expresso* (especialmente ao nível dos títulos das peças), uma vez que apresenta um discurso jornalístico menos dramático e chocante.

Contudo, evidencia-se claramente que o *Público* tem tentado contrariar, nos últimos três anos (aproximadamente), a tendência geral anteriormente referida, uma vez que deixa de se centrar com tanta frequência na racialização da diferença, ou seja, deixa de estabelecer com tanta facilidade uma relação causa-efeito entre a origem étnico-nacional e determinados traços culturais e comportamentais, marcadamente negativos, como a delinquência juvenil e a violência.

Enquanto o *Expresso* tem um discurso visivelmente sensacionalista (“lógica de tabloidização” presente nos títulos, por exemplo) em relação a este tipo de fenómenos, descrevendo as ocorrências de forma pouco rigorosa e através de estratégias agressivas, o *Público* tem contribuído (especialmente nos últimos anos) para construir imagens menos discriminatórias/estigmatizantes e desconstruir alguns dos estereótipos mais negativos associados aos filhos de imigrantes africanos em Portugal.

Uma outra conclusão diz respeito à evolução temporal das peças noticiosas. Comparando a contagem de peças relativas à 2ª geração com o apuramento do número global de peças associadas ao fenómeno da imigração, verifica-se que, enquanto neste último caso existe uma evolução ascendente regular, no primeiro caso há uma evolução irregular do número de peças. A cobertura jornalística sobre os jovens descendentes de imigrantes tem tido uma lógica baseada em “picos noticiosos”, ou seja, determinados acontecimentos extraordinários dão origem a uma produção igualmente invulgar de peças noticiosas.

Esses picos noticiosos tiveram lugar, basicamente, em quatro ocasiões, nos anos de 1995, 2000, 2001 e 2002, e corresponderam a uma produção numerosa de peças relacionadas com: em 1995, à delinquência juvenil (associada a “gangs negros”) e ao assassinato do jovem Alcindo Monteiro no Bairro Alto por skinheads; em 2000, aos assaltos na Linha de Sintra, às gasoleiras e à tentativa de violação da actriz Lídia Franco; em 2001, à morte de um jovem de

origem caboverdiana, alvejado por um agente da PSP na Cova da Moura e de um agente da PSP de origem africana no mesmo bairro; em 2002, à morte de Manuel António Tavares, alvejado por um agente da PSP no Bairro da Bela Vista.

Numa segunda fase da análise vão ser exploradas outras dimensões das peças recolhidas: a lista de palavras e expressões-chave ; o âmbito territorial a que dizem respeito; as fontes de informação (especialistas e instituições mencionadas); os protagonistas mais frequentemente referidos.